

As minhas duas malas deslizavam lentamente no tapete rolante do átrio de recolha das bagagens do aeroporto. Eram duas malas velhas, dos finais da década de 1960, eu encontrara-as na véspera da vinda do camião das mudanças entre as coisas que a minha mãe guardava na arrecadação, e apropriei-me imediatamente delas, tanto mais que con-
diziam comigo e com o meu estilo, não demasiado contemporâneo, não demasiado aerodinâmico.

Esmaguei a ponta do cigarro no cinzeiro junto à parede, tirei as malas da passadeira e saí do edifício.

Eram cinco para as sete.

Acendi outro cigarro. Nada me apressava, não tinha nada que fazer, não ficara de ir ter fosse com quem fosse.

O céu estava toldado, mas o ar estava ainda fresco e claro. Havia qualquer coisa de alpino na paisagem, embora aquele aeroporto onde me encontrava não estivesse a mais de alguns metros apenas acima do nível do mar. As poucas árvores que podia ver eram baixas e retorcidas. No horizonte, a neve cobria o cume das montanhas.

Precisamente à minha frente, um autocarro do aeroporto enchia-se rapidamente de gente.

Deveria apanhá-lo?

O dinheiro que o meu pai me emprestara de tão má vontade para a viagem teria de cobrir as minhas despesas até receber o meu primeiro salário dentro de um mês. Por outro lado, não sabia onde ficava a pousada de juventude e pôr-me a andar à toa, carregado com duas malas e uma mochila, pelas ruas de uma cidade estranha talvez não fosse a melhor maneira de começar uma vida nova.

O melhor seria apanhar um táxi.

*

Fora uma visita breve ao balcão de um snack-bar, onde comi duas salsichas com puré de batata num recipiente de cartão, passei toda a tarde no quarto da pousada, recostado na cama e com o edredão por cima dos ombros, a ouvir música no *Walkman*, enquanto escrevia a Hilde, Eirik e Lars. Comecei também uma carta para Line, com quem saíra durante o Verão, mas interrompi-a ao fim de uma página, despi-me e apaguei a luz inutilmente, porque estava uma noite estival muito clara e a cortina cor de laranja parecia um olho a brilhar no quarto.

Habitualmente eu adormecia sem dificuldade em quaisquer condições, mas nessa noite fiquei acordado. Dentro de quatro dias, começaria a trabalhar. Dentro de quatro dias, estaria na sala de aula de uma escola de uma pequena aldeia da costa norte da Noruega, um lugar onde nunca estivera, do qual nada sabia nem vira sequer fotografias.

Eu!

Um rapaz de dezoito anos de Kristiansand, que acabara de receber o diploma do fim do secundário e de deixar a casa familiar, sem outra experiência profissional para lá de umas quantas tardes e alguns fins-de-semana numa fábrica de soalhos, de um pouco de jornalismo no diário local e de um recém-concluído período de um mês de trabalho de Verão num hospital psiquiátrico, passaria agora a ser professor com uma turma a seu cargo na escola de Håfjord.

Não, não conseguia dormir.

Que pensariam de mim os meus alunos?

Quando entrasse pela primeira vez na sala de aula e os visse sentados nas suas carteiras, que lhes diria?

E os outros professores, como saber o que pensariam de mim?

Abriu-se uma porta no corredor, ouviram-se vozes e música. Passou alguém a cantarolar. Ressoou um grito: — *Hey, shut the door.* — E todos os sons se extinguíram no mesmo instante. Voltei-me para o outro lado. A estranheza da impressão de estar deitado na cama numa noite clara devia contribuir também para a minha insónia. E a ideia de que era difícil dormir assim acabou por me tornar, de facto, impossível adormecer.

Levantei-me, vesti-me, sentei-me na cadeira que havia diante da janela e comecei a ler um romance de Erling Gjelsvik, *Calor Mortal*.

Todos os livros de que eu gostava tratavam no fundo da mesma coisa. *Negros Brancos* de Ingvar Ambjørnsen, *Beatles* e *Chumbo* de Lars Saabye Christensen, *Jack* de Ulf Lundell, *Pela Estrada Fora* de Jack Kerouac, *Última Partida para Brooklyn* de Hubert Selby, *Romance com Cocaína* de M. Agueiev, *Colosso* de Finn Alnæs, *Laço à Volta da*

Lua de Agnar Mykle, os três volumes da *História da Bestialidade* de Jens Bjørneboe, *Gentlemen* de Klas Östergren, *Ícaro* de Axel Jensen, *À Espera no Centeio* de J. D. Salinger, *Corações de Abelhão* de Ola Bauer, *Correios* de Charles Bukowski. Livros sobre jovens que queriam conseguir da vida um pouco mais do que a rotina, um pouco mais do que a família — em suma, jovens que odiavam os valores burgueses e buscavam a liberdade. Viajavam, embriagavam-se, liam e sonhavam com o grande amor ou o grande romance.

Tudo o que eles queriam era o que eu queria.

Tudo o que eles sonhavam era o que eu sonhava.

A grande nostalgia que me enchia sempre o peito dissipava-se quando lia estes livros, para regressar dez vezes mais forte quando os deixava. Fora assim durante todos os meus últimos anos do secundário. Odiava qualquer espécie de autoridade, estava contra toda a maldita sociedade aerodinâmica na qual crescera, com os seus valores burgueses e a sua concepção materialista da humanidade. Desprezava tudo o que aprendia no *gymnas*, até mesmo em matéria literária: tudo o que precisava de saber, todo o conhecimento verdadeiro, o único conhecimento verdadeiramente essencial, tratava-se de descobrir tudo isso nos livros que lia e na música que escutava. Não estava interessado no dinheiro nem nos símbolos estatutários: sabia que o valor essencial da vida estava noutro lado. Não queria estudar, não queria formar-me numa instituição convencional como a universidade, queria viajar até ao Sul da Europa, dormir nas praias, em hotéis baratos, em casas de amigos que fizesse pelo caminho. Ocupar-me de pequenos biscates para sobreviver, lavar pratos num hotel, carregar ou descarregar navios, apanhar laranjas... Na Primavera anterior, comprara um livro que continha listas de todos os trabalhos concebíveis e inconcebíveis que se podiam conseguir nos diferentes países da Europa. E seria num romance que tudo isso acabaria por desembocar. Escreveria numa aldeia espanhola, iria a Pamplona e correria diante dos touros, continuaria até à Grécia e ficaria a escrever numa das suas ilhas, e voltaria depois para a Noruega, passado um ano ou talvez dois, com um romance na mochila.

Tal era o meu plano e tal foi a razão por que não entrei para o serviço militar no fim do secundário, como fizeram muitos dos meus companheiros, nem me inscrevi na universidade, como tinham feito os restantes. O que resolvi foi apresentar-me no centro de emprego de Kristiansand e pedir uma lista de todas as vagas a preencher por professores nas escolas do Norte da Noruega.

— Consta-me que vais ser *professor*, Karl Ove — diziam-me as pessoas que encontrava no final desse Verão.

— Não — respondia eu —, vou ser escritor. Mas, entretanto, tenho de viver de alguma coisa. A minha intenção é trabalhar um ano no Norte e juntar algum dinheiro, para poder depois viajar pela Europa.

Já não se tratava de uma simples ideia na minha cabeça, mas de uma realidade: no dia seguinte, iria ao porto de Tromsø e apanharia um barco directo para Finnsnes, onde apanharia o autocarro para o Sul, até à pequena aldeia de Håfjord, onde, de acordo com o que ficara estabelecido, teria à minha espera o porteiro da escola.

Não, não conseguia dormir.

Fui buscar à mala a meia garrafa de whisky, peguei num copo que encontrei na casa de banho e servi-me enquanto olhava pela janela as casas tão estranhamente luminosas.

Quando despertei por volta das dez horas da manhã seguinte, o meu nervosismo desaparecera. Arrumei as minhas coisas, liguei para pedir um táxi do telefone público da recepção, saí e fiquei à espera do táxi com as malas poisadas no chão, fumando enquanto esperava. Era a primeira vez na minha vida que viajava sem regresso antecipadamente marcado. Não havia “casa” a que regressar. A minha mãe vendera a nossa casa e mudara-se para Førde. O meu pai vivia com a sua nova mulher mais para cima, no norte da Noruega. Yngve vivia em Bergen. E eu, pelo meu lado, preparava-me para ter o meu primeiro apartamento próprio. Teria o meu próprio emprego e ganharia o meu próprio dinheiro. Pela primeira vez, tinha controlo sobre todos os elementos da minha vida.

Oh, o diabo me levasse se não era fantástico!

O táxi chegou subindo a colina, deitei para o chão o cigarro e pus as malas no porta-bagagens, que o motorista — um homem de idade anafado, com o cabelo branco e um fio de ouro no pescoço — abriu em minha intenção.

— Para o porto, por favor — disse eu, instalando-me no banco de trás.

— O porto é muito grande — disse ele, virando-se para mim.

— Vou para Finnsnes. No barco directo.

— Bem, então não há problema, vamos lá.

E começou a descer a colina.

— Vai para o *gymnas* de Finnsnes? — perguntou o homem.

— Não — disse eu. — Vou para Håfjord.

— Ah, sim? Trabalhar na pesca? É que você não tem ar de pescador, devo dizer-lhe!

— A verdade é que vou para lá para dar aulas.

— Oh, certo. Certo. Há muita gente do Sul que faz a mesma coisa. Mas você não é novo de mais para o raio de um lugar desses? Um professor tem de ter pelo menos dezoito anos, não é?

Riu-se e olhou-me pelo retrovisor.

Eu soltei um riso breve, também.

— Acabei o secundário este Verão. Parece-me que já é alguma coisa.

— Sim, claro que é alguma coisa — disse ele. — Mas estou a pensar nos miúdos de cá. Com professores que acabaram de terminar o secundário. Novos professores todos os anos. Não é de admirar que vão trabalhar na pesca quando acabam o nono ano!

— Bem, acho que não é de admirar, realmente — disse eu. — Mas não me parece que a culpa seja minha.

— Não, você não tem culpa nenhuma. Que culpa? E ninguém pensou em censurá-lo! A vida é muito melhor na pesca do que a estudar, não sei se sabe! É muito melhor ir pescar do que ficar a estudar até aos trinta anos.

— Sim. Eu não vou ficar a estudar.

— Mas vai ser professor!

Tornou a olhar-me pelo retrovisor.

— Pois vou — disse eu.

Houve uns minutos de silêncio. Depois, ele levantou a mão do manípulo das mudanças e apontou.

— Olhe, ali em baixo. Lá está o seu barco directo.

Parou junto ao terminal, poisou as minhas malas no chão e tornou a fechar o porta-bagagens. Entreguei-lhe o dinheiro, não sabendo o que havia de lhe dar como gorjeta, embora tivesse vindo todo o caminho a pensar no problema, e acabei por lhe dizer que ficasse com o troco.

— Obrigado! — disse ele. — E boa sorte!

E lá fiquei com menos cinquenta coroas.

Enquanto o táxi se afastava, pus-me a contar o dinheiro que me restava. Já não era muito, mas provavelmente conseguiria um adiantamento: as pessoas compreenderiam sem dúvida que eu não tivesse dinheiro *antes* de começar a trabalhar.

Com a sua única rua principal, os seus numerosos pequenos edifícios de betão, provavelmente construídos à pressa, e os seus arredores áridos emoldurados por linhas de montanha distantes, Finnsnes parecia mais uma pequena cidade de província do Alasca ou do Canadá do que da Noruega, surpreendi-me eu a pensar algumas horas mais tarde, sen-